

LÓGICA E LOGÍSTICA

POSSIBILIDADE DE UMA DISTINÇÃO

ENTRE O REAL E O VIRTUAL

Rodrigo Rodrigues Alvim da Silva

SILVA, Rodrigo Rodrigues Alvim da. Lógica e logística: possibilidade de uma distinção entre o real e o virtual. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 13, n. 42/43/44 (Edição Unificada 2007), p. 133-150. 2007.

RESUMO

Historicamente, a filosofia ocidental foi, pouco a pouco e de um modo geral, perdendo o seu otimismo relativamente à identidade entre o ser e o pensar. A razão foi perdendo o seu lastro com a realidade e frisar isto se tornou para muitos condição de possibilidade para obter as credenciais de crítico. A própria razão entrou, assim, em crise, tornando-se autofágica. Não há mais uma instância última racional, mas instâncias imediatas de razões, multiplicadas em pretensas unidades incomensuráveis entre si. Não há mais a lógica como antes se acreditava, mas sistemas lógicos ou logísticas. As distinções entre o real e o virtual estão cada vez mais embotadas. É disto que o texto trata.

Palavras-chave: Lógica, Logística, realidade, virtual.

ABSTRACT

Historically, Western philosophy was, little by little and generally losing their optimism regarding the identity between the being and the thinking. The reason was losing its foundation with the reality and stress this has become for many a condition for obtaining credentials as critic. The reason itself entered into crisis, becoming autophagic. There is one more a last rational instance, but immediate instances of reasons,

multiplied in alleged incommensurable units. There is no logic as earlier believed, but logical systems. The distinctions between real and virtual are increasingly blunted. This is what the text is.

Key Words: Logic, reality, virtuality, crises of reason

LÓGICA E LOGÍSTICA

POSSIBILIDADE DE UMA DISTINÇÃO ENTRE O REAL E O VIRTUAL

01. Podemos perceber que, para Jacques Maritain, é sumamente importante à Filosofia manter intacto o vínculo da Lógica com a Metafísica.¹

02. Particularmente, isto se revela nas suas considerações acerca da “extensão” e da “compreensão” dos termos das proposições constituintes dos silogismos categóricos: “os antigos não eram nem exclusivamente ‘extensivistas’ nem exclusivamente ‘compreensivistas’”.²

03. Por isto mesmo, tal consideração lógica só se faz mais clara ao fundo de suas posições metafísicas. Faço alusão à “Questão dos Universais” que, embora marcante na baixa Idade Média, respeita o intento deste filósofo de fazer o pensamento de Tomás de Aquino dialogar com a “modernidade” ou, melhor, com a contemporaneidade.

04. Como classicamente se expõe, também para Maritain a “Querela dos Universais” se radicaliza por dois grupos de filósofos, um denominado “realista” e outro denominado “nominalista”.

05. Basicamente, para os “realistas”, os “universais” são reais. Portanto, nas palavras de Maritain, defendem que “aquilo que nossas idéias nos apresentam sob um estado universal existe na realidade sob um estado universal”.³

1 Neotomista, Jacques Maritain se filia à tradição aristotélica, assentada, por sua vez, numa lógica que só se justifica enquanto tem lastro com a metafísica. Particularmente no Brasil, a ele pertenceu, já no final da primeira metade do século XX, a autoria de uma das poucas obras de lógica aqui existentes. Tal constatação já era realçada em 1966 por um dos nossos maiores logicistas nos seguintes termos: “No ano de 1942 (...), era também publicada a *Lógica Menor* (...), de parte do extenso curso que Jacques Maritain desenvolvia na França, ainda agora um dos mais minuciosos tratamentos do silogismo de que dispomos. Desde então, praticamente mais nada saiu de nossas editoras (...)” (HEGENBERG, Leônidas. *Lógica simbólica*. São Paulo: Herder, 1966. p. XV).

2 MARITAIN, Jacques. *Elementos de filosofia II: a ordem dos conceitos - lógica menor (lógica formal)*. Tradução de Ilza das Neves e revisão de Adriano Kury. 10. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983. p. 201.

3 Idem. *Elementos de filosofia I: introdução geral à filosofia*. Tradução de Ilza das Neves e Heloíza de

06. Ao contrário, para os “nominalistas”, os “universais” são apenas “nomes”. Logo, como nos escreve Maritain, defendem que “aquilo que nossas idéias nos apresentam sob um estado universal não existe absolutamente na realidade”.⁴

07. Assim, podemos entrever uma simetria entre estas vertentes “metafísicas” e as exclusividades dos pontos de vista “lógicos” da “extensão” e da “compreensão”, mais acima referidos.

08. Como a “modernidade” é marcada por uma crise da metafísica, ou seja, da aceitabilidade da existência *per se* de “entidades metafísicas”, tal simetria pende atual e crescentemente para o lado dos “nominalistas”, que modernamente adquiriram outros nomes: empiristas ou neo-empiristas, positivistas ou neopositivistas e outros mais.

09. Na concepção dos “neotomistas” (dentre estes, pois, também Maritain), a obra de Tomás de Aquino (pela qual o pensamento aristotélico se conforma à mensagem cristã) pode ser avaliada como de cunho “moderado”⁵ dentro deste debate entre “realistas” e “nominalistas”, porque, pretensamente calcado em Aristóteles de Estagira, não poderia negar a “realidade” dos “universais” em detrimento da “realidade” dos

Oliveira Penteadó; revisão de Irineu da Cruz Guimarães. 14. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1985. p. 107.

4 Idem. Ibidem.

5 Este traço de “moderação” do pensamento aristotélico-tomista constitui o principal marco de sua defesa na obra de Jacques Maritain contra as “deficiências” ou os “excessos” das demais filosofias, principalmente modernas e contemporâneas. Pensamos que este caráter “sintético” mas original da obra de Aristóteles e de Tomás de Aquino foi, por isto mesmo, recuperado e ainda mais sublinhado por Maritain nos dois primeiros terços do século XX, pois cumpre várias funções importantes, a saber: atualiza tal obra, compreendendo as questões das filosofias hodiernas como já pensadas por ela; apresenta, em contrapartida, as filosofias do nosso tempo como manifestações das correntes ou vertentes filosóficas do passado e já então devidamente combatidas por ela; assume-se como conciliadora dos extremos filosóficos de todos os tempos, reforçando-se a si própria como *philosophia perennis*. Enfim, além de moderar os debates entre os “realistas” e “nominalistas”, o pensamento aristotélico-tomista modera a relação, por exemplo, entre a Filosofia e as Ciências, extremadas por René Descartes e por Auguste Comte (p. 72), entre o senso comum e a Filosofia, extremadas pela “Escola Escocesa” e pela “Escola Racionalista e Criticista” (p. 90), entre o “mecanicismo” e o “dinamismo” (p. 111), entre o “sensualismo” e o “inatismo” (p. 115-116), entre as “tendências materialistas” e as “tendências idealistas” (p. 117), entre os “substancialistas” e os “fenomenistas” (p. 147), entre o “intelectualismo radical” e o “antiintelectualismo” (p. 159), etc. (Cf. Idem. Ibidem).

“individuais” ou vice-versa. Noutros termos, a obra de Tomás de Aquino admite, embora não simplesmente, tanto as observações do “realismo absoluto” quanto as do “nominalismo”, considerando-os, desta maneira, extremistas exclusivistas e, como tais, insustentáveis. Desde então, surge entre estes o que se chamou de “realismo moderado”.

10. Na expressão do próprio Maritain, o “realismo moderado” de Aristóteles e Tomás de Aquino contempla tanto o “nominalismo” quanto o “realismo” ao defender, respectivamente, que *“aquilo que nossas idéias nos apresentam sob estado universal NÃO EXISTE fora do espírito sob este estado de universalidade, [mas] EXISTE fora do espírito sob estado de individualidade.”*⁶

11. Tendo tudo isto como pano de fundo, penso podermos melhor entender os ensinamentos da lógica propostos por Maritain, quando afirma que, *“realmente, se a lógica aristotélica guardou a justa medida [entre a importância de se atentar para a “extensão” e a “compreensão” dos termos das proposições categóricas], a ‘lógica clássica’ entre os modernos, sobretudo após Leibniz, parece muito bem se haver alterado sob preocupações exclusivamente extensivistas.”*⁷ Sendo assim, estes “modernos” reafirmam-se “nominalistas”.

12. Ora, quais seriam as conseqüências desta exclusividade?

13. Partindo da posição dos “nominalistas” frente aos “universais”, os “conceitos” perdem completamente sua força de realidade. No campo da Lógica Menor (formal), isto se traduziu, por um lado, na abstenção crescente com o cuidado dos termos das proposições constitutivos dos silogismos categóricos do ponto de vista da “compreensão” (de suporte metafísico) e paradoxalmente, por outro lado, abriu condições para a construção de “sistemas” completamente alheios à sua

6 Idem. Ibidem.

7 Idem. *Elementos de filosofia II: a ordem dos conceitos - lógica menor (lógica formal)*. p. 201, nota 6.

fundamentação empírica (que nos reporta ao campo da Lógica Maior - material - , da Teoria do Conhecimento).

14. Na perspectiva do primeiro desdobramento, ressaltou Maritain que “o ensino da Lógica, à medida que aos poucos se inclinava a reduzir todo o raciocínio unicamente à verificação das relações de extensão, sofreu nos tempos modernos uma grave deformação.” Ainda nas palavras de Maritain, podemos selecionar tal deformação do seguinte modo:

Muitos autores mais ou menos nominalistas, confundindo a extensão de um conceito com a resolução deste numa simples coleção de indivíduos, isto é, sua destruição pura e simples, e compreendendo, por conseguinte, de maneira inteiramente errônea a máxima que ‘o silogismo vai do universal ao particular’, interpretam o silogismo de um ponto de vista inteiramente coletivo; quero dizer consideram o silogismo como consistindo em fazer passar a um ou a alguns indivíduos um predicado verificado em todos os membros da coleção, de que estes indivíduos fazem parte. Isto é um erro fundamental e, em realidade, a destruição de toda Lógica; e por isto não é de se admirar que tais autores, tendo nem mais nem menos do silogismo uma concepção tão pouco sutil, considerando-no como uma vã tautologia ou então um círculo vicioso. (...). Em realidade, não se trata de uma coleção de indivíduos, é a natureza universal comunicável a estes e tomada como termo médio que dá todo o valor da inferência silogística e que, somente ela, dá sua razão de existir. Não é do ponto de vista de uma simples coleção de indivíduos, é do ponto de vista da essência universal que devemos nos colocar para compreender o silogismo. Este consiste em fazer passar a um sujeito (individual ou universal) um predicado que sabemos ser verdadeiro da natureza universal que impõe sua lei a esse sujeito: operação legítima e que faz progredir o conhecimento (...).⁸

8 Idem. Ibidem. p. 234-236.

15. Na perspectiva do segundo desdobramento, por sua vez, eis o que pensamos destacar dos escritos de Maritain:

(...) a Logística é alguma coisa essencialmente diferente da Lógica. Enquanto a Lógica refere-se ao próprio ato da razão em seu progresso para a verdade, portanto à ordem dos próprios conceitos e do pensamento, a Logística refere-se às relações entre sinais ideográficos e portanto aos sinais como considerados como suficientes a si mesmos, uma vez estabelecidos. Em consequência, a segunda destina-se a dispensar de pensar, a evitar as operações racionais e propriamente lógicas, tais como distinção, argumentação, etc. e a suprimir qualquer dificuldade no raciocínio por uma álgebra, aliás excessivamente complicada, que a inteligência bastaria aplicar. A primeira, pelo contrário, destina-se a ensinar a pensar, a ensinar a efetuar convenientemente as operações racionais e propriamente lógicas, tais como distinção, argumentação, etc., e a ensinar a vencer as numerosas dificuldades do raciocínio por uma arte (virtude intelectual) que deve aperfeiçoar intrinsecamente a própria vida da inteligência e cooperar para a sua atividade natural.”⁹

16. A Logística, para Maritain, é um “sistema de cálculo ideográfico universal” inaugurado por Gottfried Wilhelm Leibniz e que obteve grande desenvolvimento somente a partir do século XIX através dos esforços de lóxicistas-matemáticos ingleses e italianos como de Augustus de Morgan, George Boole, F. W. K. E. Schröder, H. MacColl, Charles Sanders Pierce, Macfarlane, Giuseppe Peano, Bertrand Russell, Alessandro Padoa).¹⁰

17. Gilbert Hottos esclarece esta mesma distinção do seguinte modo:

⁹ Idem. Ibidem. p. 247.

¹⁰ Idem. Ibidem. p. 246-247.

Na tradição, o pensamento domina e está em primeiro lugar; a voz, a palavra, exprime o pensamento, e a escrita permite ficar a palavra. Na combinatória [Logística], a escrita tende a ocupar o primeiro lugar, porque depois de o alfabeto dos pensamentos ter sido fixado a ideografia, o cálculo dos pensamentos torna-se um jogo regulado por meio de símbolos, que procede automaticamente e como que cegamente. Leibniz falava de resto a este propósito de “pensamento cego”, ainda que num sentido positivo: um modo de fazer que deixa de estar submetido à lentidão e às imprecisões do pensamento intuitivo que, naturalmente, acompanha o discurso. (...). A escrita calculante é mais rápida, mais ágil e também mais segura do que a inteligência pensante, e avança à sua frente.¹¹

18. A Leibniz, como idealizador da Logística, Maritain não poupa críticas, precisamente pelo abuso que aquele fez (e muitos filósofos contemporâneos ainda fazem) de proposições puramente tautológicas, distanciando-se assim de toda “lógica sã, isto é, toda lógica que trabalha com os conceitos e com os objetos do pensamento, e não apenas com palavras e com sinais, toda arte que é realmente uma arte de pensar e não uma álgebra que dispensa de pensar”.¹² Particularmente em Leibniz, isto se faz mais “grave” para Maritain que igualmente o considera “um espírito mais profundamente metafísico”.¹³ Ora, “a determinação do sujeito como matéria pelo predicado como forma se encontra não somente em nossa maneira de conceber ou em nosso espírito (ordem lógica), mas também na realidade

11 HOTTOIS, Gilbert. *Pensar a lógica: uma introdução técnica e teórica à filosofia da lógica e da linguagem*. Tradução de Miguel Mascarenhas. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. p. 19. (Coleção Pensamento e filosofia).

12 MARITAIN, Jacques. *Elementos de filosofia II: a ordem dos conceitos - lógica menor (lógica formal)*. Op. cit. p. 193.

13 Idem. *Ibidem*. p. 122.

(ordem real, física ou metafísica)”,¹⁴ o que, no entanto, parece ignorado nas abstrações Logísticas.¹⁵

19. Embora não desenvolvida, crítica geral e similar foi escrita atualmente por Pascal Ide em sua obra *A arte de pensar*:

*Não é raro que o homem faça do ato do raciocínio uma finalidade e esqueça que ele está a serviço da inteligência. Esse grave desvio que afasta o espírito de sua verdadeira função e de seu desabrochar verifica-se naquele que multiplica cálculos e as teorias e não sabe deter-se para contemplar o verdadeiro. Em última instância, o intelectual é mais seduzido pelo funcionamento de sua razão, por sua habilidade de encadear as demonstrações e fazer conjecturas: é completamente o inverso dessa genuflexão interior da inteligência que, centrada não no eu, mas na realidade extramental, apaga-se diante de seu objeto, tornando-se este objeto. (...). Quanto ao cerebral raciocinate, ele não conhece mais, ele pensa, só isso. Aliás, por estender excessivamente um raciocínio, não se sabe mais se ele diz a verdade. Roger Caratini dá o exemplo de um teorema de quinze mil páginas, cuja própria extensão desencoraja de saber se ele enuncia alguma verdade.*¹⁶

20. Muito opostamente a Maritain, Bertrand Russell há de reclamar precisamente das concepções metafísicas de Leibniz ou de um certo ainda vínculo seu à tradição filosófica, como a sustentada ainda por Maritain, que não o deixaram ir muito mais além em seus percursos lógicos e ainda

14 Idem. Ibidem. p. 125.

15 Ao prefaciar o seu *Dicionário de lógica*, Leônidas Hegenberg, embora claramente não acolha a divisão aqui proposta por Jacques Maritain, reconhece que também outros autores, como G. P. Baker e P. M. S. Hacker em “Frege: logical excavations” (1984), “fazem restrições a cálculos formais, asseverando que têm reduzida importância filosófica e diminuto emprego em Filosofia. (...). Olham com desconfiança para a ‘Lógica dos lógicos’ (isto é, ‘dos matemáticos’) e pensam dedicar-se apenas à ‘verdadeira’ Lógica, uma disciplina que ‘fala’ aos seres humanos ‘normais’, que não exige ‘esforço inútil’, com ‘simbolismos que ninguém entende’, (...).” (HEGENBERG, Leônidas. *Dicionário de lógica*. São Paulo: E.P.U., 1995. p. V).

16 IDE, Pascal. *A arte de pensar*. Tradução de Paulo Neves e revisão de tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 18.

o fizeram relegar estes seus estudos “assombrosamente lógicos” ao fundo de gavetas por longos anos, mesmo depois de sua morte.¹⁷

21. Gostaria de nos entregar neste sentido a um recorte de exposição e comentário que o próprio Russell faz da filosofia de Leibniz, especialmente, é claro, das transições lógico-metafísicas que este pensador outrora realizou. É o que imediatamente se segue.

Na maior parte das vezes, Leibniz representa a criação como um ato livre de Deus, que requer o exercício de sua vontade. De acordo com esta doutrina, a determinação do que realmente existe não é afetada pela observação, mas tem de efetuar-se mercê da bondade de Deus. À parte a bondade de Deus, que o leva a criar o melhor mundo possível, não há, a priori, nenhuma razão para que uma coisa deva existir de preferência a outra. Mas, às vezes, em papéis não revelados a nenhum ser humano, há uma teoria inteiramente diferente acerca deste ponto: por que algumas coisas existem e outras, igualmente possíveis, não existem? Segundo esta opinião, tudo o que não existe luta por existir, mas nem todas as coisas possíveis podem existir, porque nem todas são “compossíveis”. Pode ser possível que A deva existir e que B também deva existir, mas pode não ser possível que A e B existam ao mesmo tempo; neste caso, A e B não são “compossíveis”. Duas ou mais coisas só são “compossíveis” quando é possível a todas elas existir. (...) Leibniz emprega mesmo este conceito como um modo de definir a existência. Diz ele: “o existente pode ser definido como aquilo que é compatível com mais coisas do que aquilo que é incompatível consigo mesmo.” Isto quer dizer que se A é incompatível com B, enquanto que A é compatível com C e D e E, mas B só é compatível com F e G, então A, mas não B, existe por definição. “O existente - diz ele - é o ser que é compatível com a maioria das coisas.” Nesta exposição, não há referência a Deus e, ao que parece, nenhum ato

17 RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. Tradução de Brenno Silveira. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967. v. III. p. 107 e 117-119.

de criação. Tampouco é necessária qualquer outra coisa senão a lógica pura para determinar o que existe. A questão de se saber se A e B são “compossíveis” é, para Leibniz, uma questão lógica, isto é: envolve a existência de A e B uma contradição? Segue-se daí que, na teoria, a lógica pode decidir a questão de se saber que grupo de “compossíveis” é o maior, e este grupo, por conseguinte existirá. Não obstante, talvez Leibniz não tenha realmente querido significar que o que foi dito acima era uma definição de existência. Se era apenas um critério, pode conciliar-se com suas opiniões populares, mediante o que ele chama de “perfeição metafísica”. A perfeição metafísica, segundo ele emprega o termo, parece significar quantidade de existência. “É - diz ele - nada mais que a magnitude da realidade positiva estritamente entendida.” Sempre afirma que Deus criou tanto quanto possível; esta é uma das razões para se rejeitar o vácuo. (...). Leibniz, na sua maneira de pensar privada, é o melhor exemplo de filósofo que usa a lógica para a metafísica. Este tipo de filosofia começa com Parmênides e é levado mais avante por Platão, ao empregar a teoria das idéias para provar várias proposições extralógicas. Spinoza pertence a esse mesmo tipo, o mesmo acontecendo com Hegel. Mas nenhum deles é tão preciso como Leibniz, ao tirar deduções da sintaxe e aplicá-las ao mundo real. Esta classe de argumentação caiu em descrédito, devido ao desenvolvimento do empirismo. (...) não há dúvidas de que as inferências encontradas em Leibniz e em outros filósofos a priori não são válidas, já que todas elas são devidas a uma lógica defeituosa. A lógica sujeito-predicado, que todos os filósofos deste tipo aceitaram no passado, ou ignora completamente as relações, ou apresenta argumentos falazes para provar que as relações são irrealis. Leibniz é culpado de uma contradição especial, ao combinar a lógica sujeito-predicado com o pluralismo, pois a proposição “há muitas mônadas” não é da forma da do sujeito-predicado. Para ser coerente, um filósofo que acredita

que todas as proposições devem ser desta forma deveria ser um monista, como Spinoza."¹⁸

22. A Platão é atribuída a âncora metafísica pela qual, por séculos, o pensamento (*logos* - λογος) ocidental foi se construindo. Diante da necessidade de situar-se neste mundo inegavelmente múltiplo e transitório, de bom grado os homens nele se fixaram através da "Teoria das Idéias" deste filósofo grego. Por força do desejo de uma "segurança existencial", este monismo da "natureza" também açambarcou e conteve a difusão do relativismo cultural sofisticado.

23. A Aristóteles coube desenvolver uma "gramática" do pensamento, a Lógica, correspondente, em última instância, a este "sistema universal" platônico. Apesar de ser, somente na modernidade, um dos grandes responsáveis pela crise desta Lógica de fundamentos metafísicos, Immanuel Kant, nascido somente oito anos após a morte de Leibniz, escreverá:

*(...) a Lógica não ganhou muito em conteúdo desde os tempos de Aristóteles e isso é uma coisa de que ela é por natureza incapaz. (...) Poucas ciências há capazes de atingir uma situação estável, onde não sofram mais alterações. Entre essas contam-se a Lógica e a Metafísica. Aristóteles não deixou de lado nenhum aspecto do entendimento; nisto somos apenas mais exatos, metódicos e ordenados. (...) Entre os filósofos modernos há dois que deram um impulso à Lógica geral, Leibniz e Wolff.*¹⁹

24. Leibniz se encontra, verdadeiramente, filiado a esta tradição. Não obstante a origem da crise metafísica date-se muito antes da contempora-

18 Idem. *Ibidem*. p. 120-122.

19 KANT, Immanuel. *Lógica*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. p. 38.

neidade (já falamos aqui do “nominalismo” e do empirismo que, ainda na Idade Moderna, culminou com David Hume, coetâneo de Kant), somente no decorrer do século XIX foi ela denunciada com toda consciência, através, por exemplo, do pensamento de Friedrich Nietzsche.

25. Com isto, a Lógica voltou-se para a multiplicidade dos fatos, dos quais as Novas Ciências fizeram seus objetos e, em momentos de grande otimismo, creram tê-los reduzido a constantes (suas teorias), à luz das quais, por sua vez, desenvolviam os seus programas de intervenção no mundo. Neste sentido, o ideal do *calculus ratiocinator* leibniziano se torna atraente, se entendido - tomando as palavras de Gilbert Hottois - como o estabelecimento de “*técnicas de raciocínio automatizáveis, mecanizáveis, por forma a poder substituir o pensamento, a intuição, por um cálculo sobre símbolos, mais seguro e mais rápido.*”²⁰

26. Desta volta aos fatos do mundo, o *Tractatus logico-philosophicus*, obra de Ludwig Wittgenstein, foi a principal expressão deste movimento. Isto já nos fica suficientemente claro pelas quatro primeiras das sete proposições que o sustentam: “o mundo é tudo o que é o caso”; “o que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas”; “a figuração lógica dos fatos é o pensamento”; “o pensamento é a proposição com sentido”.²¹ Tornou-se, por isto, a “gramática” dos neo-empiristas ou neopositivistas, embora não ter o seu próprio autor tardado em colher os resultados maiores da crise metafísica contemporânea e em reconhecer os limites da resposta dada à mesma pela postura lógico-empirista.

20 HOTTOIS, Gilbert. *Pensar a lógica: uma introdução técnica e teórica à filosofia da lógica e da linguagem*. Op. cit. p. 19.

21 WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Introdução de Bertrand Russell; tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994. p. 135, 147, 164.

27. Tal sensibilidade wittgensteiniana encontra-se melhor manifestada em outros textos seus, postumamente publicados sob o título *Investigações filosóficas*, particularmente quando elabora uma teoria do significado das proposições assentada no seu “uso”. Noutros termos, as “significações” são adquiridas precisamente pelo seu “treino”, “ensino” ou “uso” intensivo - estes são os termos que predominantemente o próprio Wittgenstein faz constar nesta sua obra. E os “jogos de linguagem”, dos quais podemos “usar” ou freqüentar ou perfazer ou partilhar, são tantos quantos grupos humanos existentes: “representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida”.²²

28. Diferentes desafios espaço-temporais que o mundo colocava aos grupos humanos redundaram em diferentes desafios de organização para sua sobrevivência que foram sendo respondidas em conformidade com as disposições disto que geralmente tomamos como o pensamento humano (respostas pretensamente universais a diferentes condições concretas de vida). Diferentes culturas humanas foram assim se constituindo e as diferentes manifestações e instituições sociais foram se sustentando umas pelas outras, capazes assim de se mostrarem como que uma só peça ou “continuum”, no esforço de um “melhor dos mundos possíveis” aos desafios enfrentados. Estes arranjos se confirmam nos adjetivos assumidos pelas diferentes sociologias ou antropologias: “dialética”, “evolucionista”, “funcionalista”, “estruturalista”...

29. Esses escopos sociais históricos podem ser chamados “naturais” se confrontá-los aos escopos sociais estritamente “teóricos”, que vão desde “a república” de Platão até o “modo de produção comunista” de Marx, mesmo que estes seus progenitores os pretendam “reais”.

22 Idem. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 15. (Coleção os pensadores: Wittgenstein / Moore).

30. Numa abordagem estritamente “simbólica”, o único efetivo é o que comportou (e comporta) o maior número de “compossíveis”... Isto poderia responder ao fenômeno político que assombrou Alexis de Tocqueville: um movimento universal a favor da “democracia”.

31. Assim também o “simbólico” é prospectivo ao “melhor dos mundos possíveis” e a uma “harmonia”, ainda que por antíteses e sínteses como propôs-nos Georg-Wilhelm Friedrich Hegel.

32. Não obstante todas essas representações, algumas mal disfarçam, como se vê, a sua disposição ou tendência ao “universal” e “natural”. Mesmo a lógica indutiva, tão mecanicamente aplicada no campo das ciências naturais, não passaria de um trânsito invertido de inferências dedutivas do mundo ou das leis da natureza que ao universo assegurariam ciclos constantes, breves ou longos (uma idéia incapaz de esconder o seu teor altamente metafísico). Lembremos aqui de John Stuart Mill e de Pierre-Simon Laplace em duas de suas expressões mais consagradas, respectivamente: “que o curso da natureza é uniforme constitui o princípio fundamental, o axioma da indução” e que “um intelecto que (...) conhecesse todas as forças (...) e todas as posições de todos os itens dos quais a natureza é composta (...) compreenderia numa única fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do menor átomo”. Sem tais otimismo metafísicos (relativos à totalidade da existência), não se pode escapar às ofensivas já deixadas por David Hume e atualizadas por Karl Popper.

33. É tal disposição que a filosofia leibniziana assume, embora alguns possam chamar essa moderação de contradição. Antes que a criatividade humana possa elaborar sistemas formais e logísticos, por um lado, temos a intuição de estarmos mergulhados num dado “cosmos” e não num “caos” ou numa ordem apenas imaginária. E para que seja possível alinhar vários “bolsões de sentido”, como

é o caso, Leibniz naturalizou tal procedimento humano na figura de um Deus que, antes, assim procedeu. Vemos como que Deus diante de vários mundos possíveis, assim como o homem diante de vários sistemas logísticos. Dentre todos esses sistemas virtuais humanos, tendemos àquele que mais tem a capacidade de se e nos aproximar do “real”. E, para não nos tornarmos inócuos nessa tarefa, sendo vítimas de uma “ausência de princípio” ou de uma espécie de “regresso ao infinito” (tomemos, aqui, antes de tudo, as conseqüências existenciais ou práticas disso), o “real”, conforme a teoria do “melhor dos mundos possíveis” de Leibniz, é o mundo atual (o que comporta mais compossíveis), escolhido por Deus para ser criado dentre os vários outros (apenas virtuais), mas por ele igualmente contemplados, uma metafísica que não nos afasta da dita realidade, mas que, muito pelo contrário, nô-la avaliza e nos sustenta.

34. Longe, pois, das logísticas ou do simplesmente “virtual”, podemos agora compreender melhor as seguintes palavras de Maritain:

(...) a Lógica é uma arte feita para servir à inteligência e não para substituí-la: a Lógica formal deve ensinar modos de proceder que não acarretem perigo algum do lado da forma, isto é, da disposição dos termos, que não enganem a inteligência, com a condição de que esta faça obra de pensamento, com a condição de que o espírito se mova realmente; ela não tem como finalidade confiar-nos fórmulas que sejam suficientes a si próprias para se desenvolverem, uma máquina algorítmica que progride sozinha, permanecendo a inteligência em repouso ou exercendo influência só para vigiar a marcha.²³

23 MARITAIN, Jacques. *Elementos de filosofia II: a ordem dos conceitos - lógica menor (lógica formal)*. Op. cit. p. 257.

35. Surpreendentemente, o que a “lógica informal” hoje interpela à “lógica formal”, interpela, na verdade, ao que aqui estamos tomando por “logística”, e tal interpelação coincide precisamente com a crítica que estudiosos, como Maritain, já faziam às abstrações sem âncoras “metafísicas” ou na realidade que parece mais unida cotidianamente a nós. *Mutatis mutandis*, assim podemos ver ecoando as palavras de Douglas Walton, prefaciando sua obra de 1989, concernente ao que se passou a chamar de “lógica informal”:

Aconteça o que acontecer nos próximos anos com o estudo da teoria da argumentação, o fato é que já se começou a ensinar uma nova abordagem da lógica e do argumento nas aulas de lógica do mundo inteiro. Embora essa nova lógica esteja, ou deveria estar, baseada em novos fundamentos teóricos que incluem estruturas abstratas de diálogo formal e estruturas pragmáticas de análise do discurso, ela, através de uma abordagem mais prática do estudo de argumentos específicos em linguagem natural, aproximou-se muito mais dos objetivos tradicionais das humanidades.²⁴

24 WALTON, Douglas N. *Lógica informal: manual de argumentação crítica*. Tradução de Ana Lúcia R. Franco e Carlos A. L. Salum. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. XXI. (Coleção biblioteca universal).

BIBLIOGRAFIA

- HEGENBERG, Leônidas. **Lógica simbólica**. São Paulo: Herder, 1966.
- _____. Dicionário de lógica. São Paulo: E.P.U., 1995.
- HOTTOIS, Gilbert. **Pensar a lógica: uma introdução técnica e teórica à filosofia da lógica e da linguagem**. Tradução de Miguel Mascarenhas. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. (Coleção Pensamento e filosofia).
- IDE, Pascal. **A arte de pensar**. Tradução de Paulo Neves e revisão de tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KANT, Immanuel. **Lógica**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- MARITAIN, Jacques. **Elementos de filosofia I: introdução geral à filosofia**. Tradução de Ilza das Neves e Heloíza de Oliveira Penteado; revisão de Irineu da Cruz Guimarães. 14. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1985.
- _____. **Elementos de filosofia II: a ordem dos conceitos - lógica menor (lógica formal)**. Tradução de Ilza das Neves e revisão de Adriano Kury. 10. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983.
- RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. Tradução de Brenno Silveira. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.
- WALTON, Douglas N. **Lógica informal: manual de argumentação crítica**. Tradução de Ana Lúcia R. Franco e Carlos A. L. Salum. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção biblioteca universal).
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. Introdução de Bertrand Russell; tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 15. (Coleção os pensadores: Wittgenstein / Moore).